

Sociologia, História e Economia: Um diálogo promissor¹

Netanias Dormundo Dias²
Everaldo da Silva³

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo realizar algumas considerações a respeito da integração do estudo sociológico com o conhecimento da História e da Ciência Econômica. Considerando que são ciências afins, com pontos em comum e que uma pode ser fonte de subsídio da outra, busca-se apontar ao cientista social a importância de conhecer essas ciências. Apresentam-se, também, pensamentos de Max Weber, Theodor Adorno, José Paschoal Rosseti, Marcos Antonio de Sandoval de Vasconcellos, entre outros, para demonstrar a importância da interligação dessas ciências.

Palavras-chave:

Sociologia, Ciência Econômica, História, Revolução Francesa e Industrial, Sociedade, Transformações Sociais.

Abstract:

The objective of the present work is to make some considerations related to the integration of the sociological study with the knowledge of History and Economical Sciences. Considering that related sciences, with some common points and where one can be a source of subsidy for the other, the importance of knowing these sciences is pointed to the social scientist. The thoughts of Max Weber, Theodor Adorno, José Paschoal Rosseti, Marcos Antonio de Sandoval de Vasconcellos among others are presented to show the importance of the interrelation between these sciences.

Keywords:

Sociology, Economical Sciences, History, The French and Industrial Revolution, Society, Social Transformations.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é possuidor de inquietudes, pois está repleto de mudanças, de conflitos e de divisões sociais. Essas inquietudes têm na Revolução

¹ Este texto foi escrito a partir de debates teóricos no Núcleo de Estudos Sociológicos dos Mercados – NUSMER – no âmbito da pesquisa “A construção social do mercado e o ator econômico na América Latina: uma análise sociológica” financiada pelo CNPQ. Agradecemos a entidade pelo auxílio prestado.

² Economista. Mestrando em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CNPQ.

³ Sociólogo. Mestre em Desenvolvimento Regional. Doutorando em Sociologia Política na UFSC.

Francesa e na Revolução Industrial, em termos simplificados, seu marco inicial, pois foram acontecimentos que transformaram o modo de vida da humanidade, sendo pontos de inflexão da vida social. De acordo com Lemos Filho (1998, p. 25), “A Revolução Francesa (1789) trouxe o poder à burguesia, destruiu os fundamentos da sociedade feudal e promoveu profundas inovações na vida social.”

Não obstante as sociedades tenham passado a ter fortes laços de interdependência econômica, tanto a Sociologia como a Ciência Econômica tiveram seu processo de formação enquanto ciências nesse período de inflexão, tendo na História um forte ponto de apoio para configuração do seu objeto de estudo. Em referência a esse período, Lemos Filho (1998:23) expõe que

o século XVIII, principalmente, assistiu a fatos fundamentais que definiram o desaparecimento da sociedade feudal e a consolidação da sociedade capitalista. Um destes fatos foi, sem dúvida, a Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra, nos meados do século, provocou transformações profundas na sociedade européia, tornando problemática a própria sociedade. Trouxe mudanças na ordem tecnológica, pelo emprego intensivo e extensivo de um novo modo de produção (...), na ordem econômica, pela concentração de capitais, (...) na ordem social, pela intensificação do êxodo rural, urbanização, desintegração de instituições e costumes, introdução de novas formas de organização da vida social, e, sobretudo, a emergência e a formação de um proletariado de massas com sua específica consciência de classe.

A respeito da descrição de Lemos Filho (1998), os autores clássicos da Sociologia – Marx, Durkheim e Weber – fazem um salutar diálogo abrangendo questões econômicas e reflexões sociais, muitas vezes com uma construção histórica do objeto em estudo. Segundo Lemos Filho (1998), o interesse pela História e pelo desenvolvimento foi despertado pela rapidez e profundidade das transformações sociais e econômicas. Então, pode haver, entre a Sociologia, a História e a Ciência Econômica, um diálogo profícuo para abordagem dos problemas sociais?

Para Kerstenetzky (2006), muitas vezes é natural pensar que a Sociologia e a Ciência Econômica vieram de representações diferentes, sendo que a Sociologia destaca as normas sociais, e a Economia, a racionalidade individual. Lembra Martinez (2006)

que há, nos cursos de Ciências Econômicas, em especial no da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), disciplinas que abordam reflexões de outras Ciências Sociais. Portanto, a premissa que se pretende afirmar neste trabalho é que o cientista social que tiver sólido conhecimento da Ciência Econômica e da História terá grandes chances de compreender e explicar melhor a sociedade contemporânea, pois a Sociologia, a Antropologia, a Economia e a Ciência Política são ciências com objetos de estudo específicos e que se relacionam mutuamente, porque os fenômenos sociais são extremamente complexos. (LEMOS FILHO, 1998) .

2 A SOCIOLOGIA, A HISTÓRIA E SEU OBJETO DE ESTUDO

Percebe-se que, hoje em dia, se convive com o descaso diante de todas as formas de desvirtuamento que caracterizam a sociedade moderna, com excessiva riqueza e muita miséria, com possibilidades de paz e uma realidade de guerra. Vive-se no limiar de um século marcado por famílias sem terra, sem teto, sem alimento e, principalmente, sem direito ao estudo. Porém, há alternativas para compreender e melhorar a vida dos indivíduos, algo que era totalmente impensável nas gerações anteriores.

Todas as questões apresentadas constituem uma preocupação da Sociologia, disciplina que desempenha um papel importante na sociedade moderna. A Sociologia estuda a vida social humana, dos grupos e das sociedades. Ela é instigante porque trabalha com o próprio comportamento dos seres humanos, sendo uma de suas funções estudar como as sociedades continuam funcionando ao longo do tempo e as mudanças que sofrem.

Aprender Sociologia é desenvolver a capacidade de pensar de forma imaginativa e de se distanciar de idéias preconcebidas sobre as relações sociais. A tarefa da Sociologia é investigar a ligação que há entre o que a sociedade faz do indivíduo e o que indivíduo faz de si mesmo.

A preocupação em compreender o comportamento humano e a sociedade é um fato recente, surgido no princípio do século XIX. O mundo contemporâneo é muito

diferente do passado, e a missão da Sociologia é ajudar a compreender o mundo em que se vive e alertar para aquilo que possa ocorrer no futuro.

Várias pessoas são atraídas pela Sociologia e a consideram fascinante, provocativa e aplicável, principalmente quando a sociedade passa por mudanças drásticas, como, por exemplo, o processo de industrialização, com importantes conseqüências práticas, e recorre a essa disciplina para compreender um determinado conjunto de acontecimentos sociais, aumentar a sensibilidade cultural das pessoas e possibilitar o auto-conhecimento.

Desde sua constituição como disciplina autônoma, se diferencia de outras disciplinas científicas que têm a vocação de estudar o social com o discurso do senso comum. Uma das condutas da Sociologia é objetivar as práticas e, conseqüentemente, revelar aos atores sociais os fatores que determinam seus comportamentos, discursos e os mecanismos de dominação que ocorrem.

Não se pode refletir sobre a vida social sem uma discussão sobre temas importantes, como cultura, diferenças sociais, moral, ética, política, poder, entre outros temas que são objeto de estudo dessa ciência. Os intelectuais e, sobretudo, os sociólogos, são mais do que nunca necessários. Eles são capazes de desempenhar o papel de ouvidores, de dizer tudo aquilo que o discurso dominante sufoca e oculta. Porque a Sociologia é o estudo da vida social humana, grupos e sociedade. Seu tema de estudo é o comportamento dos seres sociais, abrangendo desde encontros casuais entre indivíduos à investigação de processos sociais globais.

A Sociologia ensina que o que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser, e que o que tomamos como dado nas nossas vidas é fortemente influenciado por forças históricas e sociais. (GIDDENS, 2004:02).

Assim, a Sociologia pode ajudar a compreender o cotidiano social mostrando a existência de diversas consciências e de diferentes culturas.

O sociólogo Max Weber (2002) afirmava que a Sociologia não se limitaria a tornar compreensivo o sistema de crenças e de condutas da coletividade, pois Sociologia determinaria como as coisas ocorrem, como certas crenças determinam a maneira de agir, como certa organização política influencia a organização da economia.

Os fenômenos econômicos influenciam a sociedade, e esta influencia os fenômenos econômicos, conforme relata Swedberg (2004:7-8):

A economia, pode, por exemplo, influenciar a arte ou a religião; e vice-versa, a arte ou a religião pode influenciar a economia (...) todos os fenômenos econômicos são sociais por sua natureza; estão enraizados no conjunto em parte da estrutura social.

Portanto, quando há análise de fenômenos sociais focando apenas o olhar político, ou somente o olhar econômico, incorre-se no erro, pois o cálculo se apresenta incapaz de compreendê-los, e a análise sociopolítica não dá conta do problema. Assim, pode-se afirmar que a Ciência da Sociedade anda de mãos dadas com a Ciência Econômica que, por sua vez, se reforça com o conhecimento histórico.

Segundo Caetano⁴, Apud Goff (1998), história é uma palavra grega e significa aquele que vê, aquele que sabe, que deseja procurar. Em outras línguas, seu significado pode ser compreendido pela idéia de descobrir as ações realizadas pelos homens, a história como narração de uma série de acontecimentos. Dessa forma, por meio do conhecimento histórico, o homem conhece a si e ao próximo, bem como os motivos que o levam a estar em determinada ordem social e quais são as suas possibilidades nessa ordem. (THOMPSON, 1981).

Por meio da História, é possível compreender as transformações pelas quais passou a humanidade, entender seu significado e resgatar as particularidades das ações

⁴ CAETANO, Coraly Gará. **História como ciência humana**. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org). Introdução às ciências sociais. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 85-89.

dos atores sociais presentes na sociedade. O tempo histórico é um instrumento utilizado para delimitar, comparar e diferenciar o objeto de estudo.

Com este artifício é possível estabelecer uma distinção abstrata entre o passado e o presente, da mesma maneira como distinguir cronologicamente mudanças rápidas e lentas, alterações, perpetuações, bem como fazer comparações e diferenciações na sociedade humana. (CAETANO, 1998:86).

Para Guarinello (2004), a História pode ser considerada como uma forma de memória pública que emite um efeito tranquilizador sobre as relações instáveis dos atores na sociedade, podendo ser utilizada como fonte de previsão de tempos futuros, bem como contribuir para os estudos da Antropologia, da Sociologia e da Economia. O conhecimento da História é

Essencial tanto para o indivíduo como para a sociedade ou para grupos dentro dela. Seu contrário, a amnésia, tanto individual como social, corresponde à inação quase absoluta. Não existe ação que não seja calculada na memória. Mas a memória não é apenas um recurso que possibilita ação. É uma poderosa estrutura, um instrumento para o agir social e, portanto, uma fonte de poder. (GUARINELLO, 2004:29).

A sociedade é o campo de estudo da Sociologia, o qual é composto de múltiplos fatores que se interpenetram numa multiplicidade de aspectos (poder, interesses de classes, diferenças sociais) que exigem do pesquisador um conhecimento da História, visto por Weber como uma ferramenta salutar para o sociólogo.

2.2 MAX WEBER E A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Weber considera (2002) que o cientista social deve atuar por meio de uma investigação de causalidade histórica, sendo possível determinar o papel dos diversos antecedentes na origem de um acontecimento. Isso permitiria saber com precisão as características do acontecimento cujas causas se desejam encontrar.

É importante analisar o fenômeno histórico, pois um fenômeno sociológico pode ser determinado por dados anteriores. Então, a História seria um instrumento

utilizado pelo sociólogo para compreensão do seu objeto de pesquisa, não obstante se deva ter o cuidado para não transformar a pesquisa sociológica numa mera narrativa de fatos históricos. Deve-se atentar, então, para identificar quais os dados anteriores que influenciam através do tempo as ações presentes, pois “Uma análise causal do passado pode determinar as responsabilidades assumidas por certos homens no presente”. (WEBER, 2002:39).

Uma construção histórica permite supor que, se um determinado acontecimento não tivesse ocorrido, o problema que se deseja explicar teria tido um comportamento diferente, o que torna “O papel das pessoas ou dos acidentes, na origem dos acontecimentos históricos, [...] um dado primordial.” (WEBER, 2002: 40).

Exemplificando a proposta weberiana, há as Guerras Gregas na Antiguidade, sendo que, “talvez uma conquista Persa tivesse impedido o progresso do pensamento racional que foi a maior contribuição da cultura grega à cultura da sociedade ocidental.” (WEBER, 2002:40). Portanto, entre a História e a Sociologia há uma solidariedade bem estreita, explicada pelo fato de que “[...] as ciências humanas são, antes de tudo, ciências históricas.” (WEBER, 2002:41).

2.3 THEODOR ADORNO E A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

A compreensão da sociedade, tanto em termos de consciências, como de políticas adotadas, não é mera ação do tempo presente. Ela é um processo enraizado, construído socialmente, o que exige da Sociologia uma dimensão histórica; mas, infelizmente, essa dimensão não é empregada devido, talvez, às diversas controvérsias metodológicas. (ADORNO, 2004).

Segundo Adorno (2004), na Sociologia, em especial a americana, a dimensão histórica é tolerada como algo de segundo plano. Ainda para o mesmo autor, essa opção desconhece a história, e os contextos históricos são constitutivos da própria Sociologia. O conhecimento histórico não é qualquer coisa à margem da Sociologia, mas antes algo central, não sendo o conhecimento da História objeto desprezível. (ADORNO, 2004).

É importante observar a essência dos fenômenos sociais. Para isso, é necessário que a Sociologia os interprete como expressão da sociedade. A interpretação da sociologia é uma interpenetração de fenômenos que são fruto de um acúmulo de conhecimento histórico.

A capacidade de interpretação é essencialmente a capacidade de aprender o resultado do devir ou a dinâmica imobilizada dos fenômenos. (...) A cultura na sua forma se apresenta aos seus consumidores como simples ostentação de dominação, violência e prestígio. Essa teoria diz apenas que todos os traços são apenas traços da sua própria história. Por exemplo, se observarmos os prédios nas belíssimas cidades americanas, veremos a demonstração de status e poder americano, onde o poder e o volume de capital se exprimem no fato de se servirem de tais meios históricos ultrapassados e inconscientemente coletivos. (ADORNO, 2004: 210)

O Sociológico deve compreender o processo histórico. Dessa maneira, após verificar “os vários acontecimentos ocorridos na sociedade numa direção especificamente determinada” (ADORNO, 2004:211), saberá diferenciar as coisas, distinguir os fatos relevantes e reconhecer as regularidades sociais.

Sem o conhecimento histórico, fica impossível a realização de uma abordagem sociológica do objeto em estudo. Sendo assim, a relação entre História e Sociologia é algo muito importante, “porque a sociedade é um processo vital e funcional e não um simples conceito descritivo de todos os homens que vivem num dado momento, por isso só pode ser compreendida historicamente.” (ADORNO, 2004:214).

Com base em Adorno (2004), afirma-se que a Sociologia não compartilhada com a História é uma Ciência “cega”. Além disso, não pode ser unicamente empírica, pois, dessa forma, fica privada de compreender o processo evolutivo da sociedade.

3 SOCIOLOGIA E A CIÊNCIA ECONÔMICA

3.1 THEODOR ADORNO E A RELAÇÃO DAS DISCIPLINAS VIZINHAS

Segundo Adorno (2004) há, nas Ciências Sociais, a necessidade de relacionamento entre as “disciplinas vizinhas”. Neste caso, é promissora para as Ciências Sociais, a relação entre a Sociologia e a Economia e entre a Sociologia e a História. A relação é promissora, pois a Ciência tem a função de tornar o aprendizado social algo concreto, e não meros esquemas classificatórios. Por essa razão, é importante para o Sociólogo o conhecimento econômico, pois há uma relação entre as duas ciências, já que,

em virtude dos hiatos rigorosos entre as disciplinas científicas, entre si distintas, o interesse essencial que estas disciplinas em geral possuem esvanece-se; e também não pode ser restaurado mediante a ulterior cooperação ou integração, portanto, através do fato de, reciprocamente, classificarem os resultados e de neles se descobrir uma concordância formal de estruturas, digamos, da sociologia e da economia. (ADORNO, 2004: 202).

Uma Sociologia totalmente dissociada do conhecimento econômico favorece o desaparecimento do interesse social, fato que vai contra o seu propósito enquanto ciência. A relação social é algo abrangente. Sendo assim, a Economia se inclui na totalidade do objeto estudado pela Sociologia, e não é por acaso que a maior obra de Weber chama-se Economia e Sociedade, na qual é levantada a relação da influência recíproca de ambas as entidades. (ADORNO, 2004).

Não importa o tipo de relação econômica, seja de troca, de cálculo racional, de extensão micro ou macro, não é ela algo externo à sociedade, ao mundo social. É, antes de qualquer coisa, relação social de onde advém a necessidade de reflexão sobre as relações entre Ciências Sociais ou, nas palavras de Adorno, “(...) as relações econômicas entre os homens, que têm por meramente econômicas, calculáveis, na realidade não passam de relações petrificadas entre os homens (...)” (ADORNO, 2004:204)

Ressalta-se que não é só um Sociólogo, como Adorno, que defende o diálogo entre as duas Ciências. Há, também, entre os economistas essa proposta, como é o caso do Professor José Paschoal Rossetti, da Fundação Dom Cabral, situada em Belo Horizonte, e dos professores Diva Benevides Pinho e Marco Antônio Sandoval Vasconcellos, ambos da Universidade de São Paulo.

3.2 OS ECONOMISTAS E A RELAÇÃO COM AS DISCIPLINAS VIZINHAS

A Ciência Econômica estuda a alocação dos recursos escassos num ambiente de muitas necessidades e tem na escolha racional seu artifício de decisão. Para isso, lança mão de uma gama de informações, muitas vezes baseadas na Estatística e na Matemática, que são ferramentas úteis, mas que não dão conta do todo. Por essa razão, conhecer a História e as motivações sociais é fundamental, pois muitos dos questionamentos de hoje são problemas que já aconteceram no passado. Exemplo disso são o *crash* da bolsa de valores de 1929, a queda da mesma bolsa, de forma vertiginosa, em 1987⁵ e as crises cambiais.

O passado, ou quaisquer dados que optemos por analisar, é apenas um fragmento da realidade. A qualidade fragmentária é crucial na passagem dos dados para uma generalização. A realidade é uma série de eventos interligados, cada um depende do outro. (BERNSTEIN, 1997:21).

Os problemas sociais estão interligados; devem-se, então, aplicar estudos interligados. Sendo assim, de acordo com Rossetti (1997), as Ciências Sociais buscam compreender as distintas razões da ação do homem. A Sociologia preocupa-se com as relações sociais e a organização estrutural da sociedade, e a Ciência Econômica, como fração das Ciências Sociais, se preocupa com o estudo da ação econômica do homem, envolvendo essencialmente o processo de produção, geração e apropriação da renda, o dispêndio e a acumulação.

A semelhança do que ocorre com os demais ramos das Ciências Sociais, não se pode considerar a economia como fechada em torno de si mesma. Pelas implicações da ação econômica sobre os outros aspectos da vida humana, o estudo da economia implica a abertura de suas fronteiras às demais áreas das Ciências Humanas. Esta abertura se dá em dupla direção, assumindo um

⁵ Em 19 de outubro de 1987, a Bolsa de Valores de Nova Iorque sofreu a maior queda de sua história. Essa queda foi imediatamente acompanhada pelas demais Bolsas de todos os países capitalistas.

caráter biunívoco. De um lado, porque a economia busca alicerçar seus princípios, conceitos e modelos teóricos não apenas na sua própria coerência, consistência e aderência à realidade, mas ainda nos desenvolvimentos dos demais campos do conhecimento social. (ROSSETTI, 1997:31).

A abertura do diálogo entre as Ciências que compõem as Ciências Sociais pode ser um importante ponto de contribuições conceituais, podendo unir características em comum aos mais diferentes ramos de estudos da modernidade, como, por exemplo, o meio ambiente (ROSSETTI, 1997). No mínimo, podem-se realizar ações biunívocas que abranjam estudos integrantes entre a Economia e a Sociologia, o que permitiria “a não-existência de um trabalho limitado por idéias formais e uma única disciplina” (ROSSETTI, 1997:31). Afinal, num mundo dinâmico, não há uma única resposta.

Os economistas não têm seu trabalho limitado pelas idéias formais de uma única disciplina. As filosofias políticas e os princípios éticos a que subordinam seus valores, suas vidas e a variada gama de suas percepções procuram explicar muitas coisas que ultrapassam a lógica explícita de seu trabalho profissional. (SILK apud ROSSETTI, 1997:31⁶).

Reconhece a Ciência Econômica a necessidade de um profícuo diálogo com as demais Ciências Sociais, pois seu objeto de estudo, que está alojado na sociedade, é dinâmico e só pode ser delineado por uma integração das Ciências Sociais.

Os problemas econômicos não têm contornos bem delineados. Eles se estendem perceptivelmente pela política, pela sociologia e pela ética, assim como há questões políticas, sociológicas ou éticas que são envolvidas ou mesmo decorrentes de posturas econômicas. Não será exagero dizer que a resposta final às questões cruciais da economia encontra-se em algum outro campo. Ou que a resposta a outras questões humanas, formalmente tratadas em outras esferas das Ciências Sociais, passará necessariamente por alguma revisão do ordenamento real da vida econômica ou do conhecimento econômico. (BOULDING apud ROSSETTI, 1997:31)⁷.

⁶ ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

⁷ ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

Então, os conflitos de produção, acumulação e distribuição da riqueza, por exemplo, não têm solução restrita à Ciência Econômica. Da mesma forma, não se encontram isoladamente nas demais Ciências, como na Sociologia, por exemplo. Economia e Sociologia são unidades integrantes de uma Ciência maior, as Ciências Sociais, e, assim sendo, nada mais natural que tenham um diálogo entre aqueles que as usufruí.

Em síntese, pode-se inferir que as interfaces da economia com outros ramos do conhecimento social decorrem de que as relações humanas e os problemas nelas implícitos ou delas decorrentes não são facilmente separáveis segundo níveis de referência rigorosamente pré-classificados. O referencial econômico deve ser visto apenas como uma abstração útil, para que se analisem aspectos específicos da luta humana pela sobrevivência, prosperidade, bem-estar individual e bem-comum. (ROSSETTI 1997:32).

Então, os estudos econômicos devem ser vistos como um artefato da sociedade, não como um objeto abstrato e isolado do seio social.

3.3 ECONOMIA E SOCIOLOGIA: uma origem em comum

Segundo Pinho e Vasconcellos (2002), a Ciência Econômica, assim como a Sociologia, foi proposta dentro de concepções organicista, mecanicista e, posteriormente, humana.

A concepção organicista da Economia se faz presente em vários textos históricos nos quais as partes principais da Economia Social são relacionadas com órgãos dos quais a sociedade se serve para a criação, a distribuição e o consumo de bens, do mesmo modo como as partes principais da fisiologia. Os mecanicistas pretendiam que as leis da Economia se comportassem como determinadas leis da Física. (PINHO; VASCONCELLOS, 2002: 9).

Embora Ciência Econômica repouse sobre ações humanas e, por excelência, seja uma ciência social, bem como “Apesar da tendência atual ser a de se obter resultados cada vez mais precisos para os fenômenos econômicos, é quase impossível se fazer análises puramente frias e numéricas, isolando as complexas reações do homem

no contexto das atividades sociais.” (PINHO; VASCONCELLOS, 2002: 9). As palavras de Pinho e Vasconcellos (2002) permitem afirmar que os fatores econômicos estão embutidos nos fatores extra-econômicos, sendo significativo para o exame social. Para os mesmos autores, as Ciências Sociais não são autônomas totalmente, estão interligadas, sendo reconhecíveis suas diferentes óticas de abordagem da sociedade.

De acordo com Rossetti (1997:43),

Os fatos sociais resultam do comportamento humano. Eles se caracterizarão como fatos econômicos à medida que todo o conjunto dos aspectos sociais que os envolve for de certa forma eclipsado por considerações ou motivações de ordem econômica. O eclipse, no entanto, será sempre parcial, à medida que um dos fatos destacados também envolve considerações ou motivações éticas, sociais e políticas, além de estarem subordinados a todo um conjunto de normas jurídicas ou valores culturais.

Dado o exposto, o objeto de pesquisa na Economia não fica limitado à relação econômica e extrapola seu raio de atuação, envolvendo questões éticas, religiosas, organização política, formas sociais de se relacionar, ordem jurídica, cultura, enfim, a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, os problemas modernos se configuraram com as Revoluções Francesa e Industrial. Ambas foram significativas para efetuar mudanças sociais: o espectro de atuação da primeira se destacou em termos políticos, com a emergência de uma nova classe; o raio de atuação da segunda se destaca em termos econômicos.

A História como ciência é bem mais antiga do que a Sociologia e a Economia, mas, desde a criação das mesmas, a História foi utilizada como subsídio aos estudos dos seus precursores. Nos estudos contemporâneos, é de suma importância ao profissional das Ciências Sociais conhecer os principais parâmetros da História, da Sociologia e da Economia.

Weber, na Sociologia, é o mais conhecido dos estudiosos, pela sua percepção histórica dos fenômenos sociais. Adorno faz lembrar a importância que se deve dar ao fenômeno histórico, pois os fenômenos sociais são, antes de tudo, ações que se acumularam no tempo, devendo, assim, o cientista social compreendê-las. Quanto à Ciência Econômica, observa Adorno (2004) que esta é vizinha da Sociologia e que, na complexidade dos problemas atuais, a Economia, com seus variados conceitos, propensão marginal a consumir e a poupar, níveis de renda e investimento, custo de oportunidade, etc., por exemplo, é forte aliada para a compreensão do fenômeno sociológico.

Na Ciência Econômica, há, entre os estudiosos, um certo consenso quanto à importância das demais Ciências Sociais para o entendimento e compreensão das questões econômicas, pois, em tempos de rápidas mudanças, o buscar saber não pode ser filho único de uma disciplina.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Lições de Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2004.

ARISTÓTELES. **A Política**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 2000.

CAETANO, Coraly Gará. História como ciência humana. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org). **Introdução às ciências sociais**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 85-89.

DEMO, Pedro. **Sociologia: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIEHL, Astor Antônio. **Max Weber e a História**. Passo Fundo: Editora Universitária, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. Vol. 24, nº 48, p.13-38, 2004.

IANNI, Octávio. **Sociologia da sociologia: o pensamento sociológico brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos conceitos e teoria política e social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 20, nº 57, fevereiro, p. 27-38, 2005.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Disponível em:
<http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A001.pdf>. Acesso em 10 dez. 2006.

LEFORT, Claude. **As formas da história**: ensaios de antropologia política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

LEMOS FILHO, Arnaldo. As ciências sociais e o processo histórico. In:
MARCELLINO, Nelson C. (Org). **Introdução às ciências sociais**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 19-28.

MARTINEZ, José Walter. **O Ensino da Contabilidade e a Formação do Economista**. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo43.htm>. Acesso em 21 dez. 2006.

NEGRA, Carlos Alberto Serra; NEGRA, Elizabete Marinho Serra. **Manual de Trabalhos Monográficos de Graduação, Especialização Mestrado e Doutorado**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

NOBRE, Marcos. **História e consciência de classe e a “ciência histórica burguesa”**. Cadernos de História e Filosofia da Ciência. Série 3, nº 9, p. 74-100, 1999.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de (Org.) **Manual de Economia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

QUINTANEIRO, Tania. BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira.e Oliveira, Marcia Gardenia de. **Um toque de clássicos**: Durkheim, Marx e Weber. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 17ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.

SWEDBERG, Richard. **Sociologia econômica: hoje e amanhã**. Tempo Social: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.16 nº 2, p. 07-34, nov./ 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** : uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.